

Narração de histórias na Bíblia

Adriane Leveen

Tradução: Paulo Bocca Nunes

Nossos cérebros parecem exclusivamente adaptados para dar sentido à experiência através de histórias. Nós contamos histórias e as escutamos não apenas na nossa conversa diária, mas nas notícias, nos filmes e nas novelas. Mesmo um texto sagrado, como a Bíblia, procura dar sentido ao mundo através de histórias. Thomas Hardy, o grande romancista inglês, admirou muito as histórias bíblicas. “Elas são escritas com uma atenção muito cautelosa (embora disfarçada) quanto ao seu efeito sobre o leitor”, observou Hardy em seu diário no domingo de Páscoa, 1885. “Sua simplicidade é, de fato, a simplicidade da mais alta astúcia” (*The Mayor of the Casterbridge*). Hardy está completamente certo. As histórias bíblicas pretendem ter um efeito no leitor, e sabemos que elas conseguem quando permanecem conosco. Eva escolhe a sabedoria ao Paraíso e é expulsa do Jardim do Éden. Caim mata Abel, cujo sangue chora do chão para acusá-lo. Abraão se prepara para sacrificar o filho a pedido de Deus. O adotado-egípcio Moisés torna-se o maior profeta do antigo Israel.

Como crianças, nos divertem com tais histórias bíblicas; voltando a eles como adultos, descobrimos de novo o poder deles. Eles nos oferecem um espelho em um tempo distante e em nosso próprio tempo. Talvez até mais do que as histórias que contamos em nossas vidas diárias, uma história bíblica nos convida a refletir sobre nossas experiências mais profundas, seja de Deus, de nossas famílias, da nossa comunidade ou dos terrores e prazeres da vida. Em outras palavras, essas histórias têm como objetivo fazer com que pensemos em questões importantes, mesmo urgentes. Mas em vez de nos dizer como ou o que pensar, eles nos forçam a descobrir o que pensamos e como responder. Se tivermos sorte, somos recompensados com percepção e perspectiva que, de outra forma, perderíamos, absorvidos, como geralmente estamos em assuntos mais comuns. Tais histórias, quando estudadas juntas ou cantadas em voz alta, ajudam a nos juntar a nós e a moldar nossa identidade como uma comunidade.

É claro que algumas histórias bíblicas podem ter sido baseadas em eventos que “realmente aconteceram”. Muitos se referem a eventos históricos em grande escala – a nomeação de reis, vitórias e perdas em batalhas, a destruição do Primeiro Templo. Mas, ao invés de nos dar conta de um evento histórico, uma história bíblica reflete sobre um evento e o que isso pode significar para o povo de Israel. As histórias bíblicas estão menos preocupadas com fatos e detalhes do que na “verdade” da experiência, seja

Título original: Storytelling in the Bible.

Autor: Adriane Leveen

In.: Society of Biblical Literature – SBL.

Disponível em https://www.sbl-site.org/assets/pdfs/TB4_Storytelling_AL.pdf
Acesso em maio de 2016.

Tradução: Paulo Bocca Nunes

(escritor, contador de histórias, professor de Língua Portuguesa, Mestre em Letras Cultura e Regionalidade. Mais informações em www.pauloboccanunes.com).

OBSERVAÇÕES

1. O texto foi encontrado na internet e traduzido sem fins lucrativos.
2. O único objetivo de traduzir o texto é disponibilizá-lo em língua portuguesa e, dessa forma, compartilhar o conhecimento sobre o tema ou assunto para pessoas que tenham interesse.
3. Os Artigos Traduzidos não fazem parte de uma revista eletrônica, nem possui ISBN. Trata-se apenas de uma forma de identificar o seu objeto de texto.
4. A autoria do texto original, em inglês ou espanhol, será preservada bem como a identificação do site em que foi encontrado o texto.
5. Não nos responsabilizamos caso o artigo original ficar indisponível no endereço eletrônico que indicamos. Essa possibilidade pode ocorrer e isso foge da nossa competência.
6. Buscou-se fazer uma tradução a mais próxima possível do texto original, sem fazer adaptações.
7. Quando houver necessidade de esclarecimentos em alguma parte do texto, haverá anotações de rodapé com a observação (N.T.), creditada ao tradutor.
8. Solicita-se que, caso for usado este artigo para qualquer fim, sejam feitas as referências ao autor do texto original, o título original, bem como ao tradutor e o endereço eletrônico em que estará disponibilizado tanto o texto original quanto o texto traduzido.

ESCLARECIMENTO DE TRADUÇÃO

1. Optamos por traduzir a palavra "storytelling" para "contação de histórias" para sugerir a ideia de contar uma história usando palavras faladas de forma performática, ou em caso de contar através de linguagem de sinais ao vivo que por si só já é performática. Também pelo fato de nos referirmos a "contador(a) de histórias" (storyteller) como aquela pessoa que se dedica à "contação de histórias".
2. Em alguns textos, há expressões que traduzidas ficam: "narrativas orais", "narradores orais", "tradições orais" ou qualquer outra expressão que esteja relacionada a esse tema. A tradução será de acordo com o contexto.

de natureza moral, espiritual ou psicológica. Eles nos ensinam sobre a condição humana e as muitas maneiras pelas quais os seres humanos encontraram Deus. Eles nos ensinam como podemos responder melhor a Deus em nossas próprias vidas.

Principais Narrativas na Bíblia

As seguintes histórias são algumas das mais conhecidas da Bíblia hebraica, histórias que ajudaram a moldar a consciência e ideias judaicas e cristãs sobre Deus.

(Nota: quando um único verso é citado, ele é o início da narrativa.)

O começo do mundo

- A criação do mundo e Adão e Eva (Gênesis 1: 1)
- O primeiro assassinato (Gênesis 4: 1)
- O grande dilúvio (Gênesis 6: 9)
- A torre de Babel (Gênesis 11: 1)

A Primeira Família Judaica

- Abraão e Sara deixam sua terra natal (Gênesis 11:27)
- O nascimento de Ismael (Gênesis 16: 1)
- Sodoma e Gomorra (Gênesis 18:16)
- O nascimento de Isaac (Gênesis 21: 1)
- O sacrifício de Isaac (Gênesis 22: 1)
- O sonho de Jacó da escada (Gênesis 28:10)
- Jacó se casa com Lea e Rachel (Gênesis 29: 1)
- Jacó luta com o anjo (Gênesis 32: 4)
- José e seus irmãos (Gênesis 37: 1)
- José no Egito (Gênesis 39: 1)

Escravos na terra do Egito

- O nascimento de Moisés (Êxodo 2: 1)
- O arbusto em chamas (Êxodo 3: 1)
- As Dez Pragas e a primeira Páscoa (Êxodo 7:14)
- A divisão do Mar Vermelho (Êxodo 13:17)

Quarenta Anos no Deserto

- Os Dez Mandamentos (Ex. 19-20)
- O bezerro dourado (Êxodo 32: 1)
- Miriã e Aarão desafiam Moisés (Números 12: 1)
- O reconhecimento da Terra e a punição da peregrinação pelo deserto (Num 13-14)
- Moisés despede-se (Deuteronômio 31-32)

Na Terra Prometida

- Josué e a batalha de Jericó (Josh 1-4)
- Debora (Judg 4-5)
- Sansão (Judg. 13-17)
- Rute e Naomi (Ruth 1-4)

A Fundação do Reino de Israel

- Hannah e o nascimento de Samuel (1 Sam. 1: 1)
- Samuel nomeia o rei Saul (1 Sam. 8)
- Saul perde seu reino (1 Sam. 15)
- Davi e Golias (1 Sam. 17)
- A luta entre Saul e Davi (1 Sam. 24)
- Davi conquista Jerusalém (2 Sam. 6)
- Davi e Bate-Seba (2 Sam. 11: 1)
- O julgamento de Salomão (1 Reis 3)
- Salomão e a rainha de Sabá (1 Reis 10: 1)

Israel divide-se em dois reinos

O reino se divide (1 Reis 11)

Elijah e os sacerdotes de Baal (1 Reis 18)

Elijah ascende ao céu em uma carruagem ardente (2 Reis 2)

Período do Exílio

A queda de Jerusalém e do Primeiro Templo (2 Reis 24)

Ezequiel e o vale dos ossos secos (Ezequiel 37)

Pós-Exílio

Jonas e o grande peixe (livro de Jonas)

Esther salva seu povo (livro de Esther)

Retorno do exílio (Ezra 3)

Daniel na caverna dos leões (Dan. 6)

A Bíblia contém muitos tipos de escrita, além de histórias. A escrita bíblica inclui poesia, leis, árvores genealógicas, provas sábias e mensagens proféticas; e diferentes tipos de escrita interagem umas com as outras. Por exemplo, uma história pode levar a um poema de vitória. Uma lei pode ser concretizada por uma história em que um israelita viola essa lei e é punido. Não há apenas uma variedade de escrita na Bíblia com diferentes propósitos, mas mesmo dentro da categoria de “história” encontramos diferentes histórias que servem para diferentes propósitos.

As muitas funções de uma história

Uma história pode entreter ou deleitar-nos. O jovem Davi, equipado apenas com um estilingue, derrota o gigante Golias gigante em 1 Samuel 17, apesar do tamanho ameaçador dos filisteus, poderosa armadura e armamento. Ao nos divertir, essa história também serve para outro propósito, mais político, nos apresentando a Davi, o futuro rei de Israel, na melhor luz possível. Temos lendas de figuras poderosas, como Sansão, que em Juízes 16 puxa os pilares de um templo inteiro sobre idólatras filisteus, matando-se ao mesmo tempo.

Temos histórias que reportam e transformam as histórias de outras culturas. Por exemplo, no livro de Gênesis, Noé constrói uma arca e salva um remanescente da raça humana. A história bíblica do Dilúvio baseia-se em um mito mesopotâmico de uma grande inundação, e enquanto as duas histórias têm muitos detalhes em comum, a história bíblica tem seu próprio final único. Noé entra em uma aliança com Deus, que introduz uma lei que proíbe o assassinato, a solução de Deus para o comportamento violento e incômodo dos seres humanos.

Uma história bíblica pode fornecer uma explicação para a dor ou a alegria, como o conto de Adão e Eva em Gênesis 2. Quando as coisas começam a dar errado após o casal comer o fruto proibido, Deus informou a Eva que experimentará sofrimento ao dar à luz. Esse castigo fornece uma explicação para as dores do parto. Adão trabalhará a terra com grande dificuldade, proporcionando a origem de um tipo diferente de trabalho duro. Outras histórias explicam por que um lugar é nomeado como é ou porque evitamos comer certos alimentos. Muitos contos nos ensinam o que é certo e errado, fornecendo atitudes morais ou nos alertando contra certos comportamentos. O adultério é punido, a obediência recompensada.

Algumas histórias exigem ser lembradas. A história mais importante que os antigos israelitas devem lembrar é descrita no livro do Êxodo, no qual Deus liberta o povo de Israel da opressão no Egito. Essa memória coletiva fornece a Israel uma explicação para seus começos de escravidão, como eles conseguiram escapar com a ajuda de Deus e o motivo de uma fidelidade contínua a Deus. Isso ajuda a moldar a comunidade e fortalecê-la ao longo do tempo. De fato, toda a comunidade de Israel participa em relatar a história do Êxodo ano após ano, e mesmo Deus ordena aos pais a contarem a história aos filhos. Uma vez que eles deixam o Egito, o povo de Israel aceita a oferta de Deus de uma aliança (um contrato vinculativo). A aliança obriga-os a servir a Deus, que por sua vez vai cuidar deles, dando-lhes leis que os ajudarão a criar uma comunidade boa e justa. Uma história contada sobre o passado exige ações no presente para construir um futuro melhor.

A Bíblia também contém muitas histórias sobre indivíduos que enfrentam as dificuldades da vida, deixando o lar para viajar longas distâncias sozinhos para encontrar futuros incertos. Alguns fogem para escapar da raiva assassina de irmãos ou do abuso de amantes. Outros são abandonados pelos amantes. Esses indivíduos são reconhecidamente imperfeitos, e estamos destinados a nos identificar com eles. Como esses personagens lidam com os eventos de suas vidas e o papel de Deus em apoiá-los através de tais julgamentos são algumas das principais lições da história para o leitor.

Finalmente, e talvez o mais importante, as histórias bíblicas descrevem encontros com Deus pessoais e privados ou públicos e comunitários. Um povo inteiro, Israel, testemunha a presença de Deus no topo do Monte Sinai, com trovões e fumaça. Um indivíduo, Jacob, sozinho e assustado, é subitamente atacado por um lutador misterioso; ele consegue vencer esse lutador, apenas para exclamar que ele não viu ninguém senão Deus, cara a cara. Essas histórias nos permitem vislumbrar e ser movidas pelas notáveis imaginações religiosas dos contadores de histórias bíblicos.

Como histórias bíblicas nos envolvem

O leitor de uma história bíblica não pode permanecer passivo; As histórias bíblicas exigem que seus leitores participem “em uma conversa em desenvolvimento com o texto” (Joel Rosenberg, em *Back to the Sources*, Barry W. Holtz, ed.). Há muitas razões pelas quais um leitor se envolve. Por um lado, histórias bíblicas nunca nos dão detalhes suficientes; nossa curiosidade é constantemente desencadeada, e nos deixamos fornecer os detalhes faltantes nós mesmos. Não sabendo até o fim de Gênesis 32 com quem Jacó luta durante toda a noite, consideramos as possibilidades. É um demônio do rio? Um mensageiro de Deus? O irmão de Jacob? Sua própria consciência de culpa está enfrentando-o em um sonho? Somente quando Jacob anuncia que viu Deus face a face percebemos a identidade de seu oponente. Nós colocamos de lado nossas suposições e modificamos nossa visão.

Às vezes, temos certeza do que pensamos sobre um evento ou um personagem, mas então percebemos que estamos errados. Nos capítulos de abertura de 1 Samuel, Eli, o sacerdote, não reconhece a verdadeira piedade à sua frente, confundindo a profunda oração de Ana por um estupro bêbado. Logo após esse encontro, um mensageiro de Deus informa esse mesmo sacerdote que, porque ele é muito indulgente com seus filhos corruptos, eles serão mortos e um novo sacerdócio estabelecido. Por esse ponto, temos informações suficientes sobre Eli para considerá-lo com uma luz fortemente negativa. No entanto, no meio desses eventos problemáticos, Eli continua instruindo amorosamente seu jovem protegido, o futuro profeta Samuel. Ele faz isso mesmo depois de perceber que Deus ordenou a Samuel que lhe anunciasse o trágico destino de Eli. A gentil resposta de Eli às dificuldades de sua vida nos obriga a reavaliá-lo, e trocamos desprezo e desdém por piedade e surpresa. O processo de ajuste nos envolve.

A incerteza também nos interessa. Devemos considerar o Davi de 2 Samuel 11 um rei solícito ou um adúltero enganador quando ele lida com o marido de uma mulher que Davi acabou de engravidar? A Bíblia não nos diz o que pensar ou que moral devemos levar conosco, ao invés de nos forçar a formar nossa própria opinião depois de ler suas histórias. Notavelmente, podemos reler uma história em um estágio diferente da nossa vida e descobrir algo que nunca percebemos antes ou talvez nunca tenhamos entendido. Essa sensação de descoberta também nos convida a reler histórias bíblicas ano após ano.

Técnicas dos Narradores Bíblicos

Se aprendermos a reconhecer as técnicas dos contadores de histórias bíblicos, apreciaremos e compreenderemos melhor suas criações. Por exemplo, como primeiro proposto por Martin Buber e elaborado por Robert Alter em *The Art of Biblical Narrative*, uma palavra-chave pode ser escolhida e repetida o suficiente para o leitor perceber que ela transmite o significado maior da história. Por exemplo, no capítulo 1 de Gênesis, a palavra “bom” aparece tão frequentemente como para nos convencer de que tudo o que Deus cria é bom. Quando Deus fala pela primeira vez a Abraão em Gênesis 12, Deus usa uma forma de “bênção” cinco vezes em

apenas dois versículos, levando-nos a entender que Abraão será uma fonte de bênção no mundo. Nos capítulos de conclusão de Números, a palavra “herança” aparece com frequência, lembrando-nos de que as tribos de Israel estão prestes a deixar o deserto em que eles vagaram por 40 anos e indicando que estão prontos para começar suas novas vidas na Terra prometida. Anos depois, o povo de Israel se aproxima do profeta Samuel para exigir que ele nomeie um rei sobre eles, e ele tenta adverti-los contra tal plano, repetindo inequivocamente a palavra “tomar” para argumentar que um rei os roubará de seus filhos e grande parte da sua riqueza.

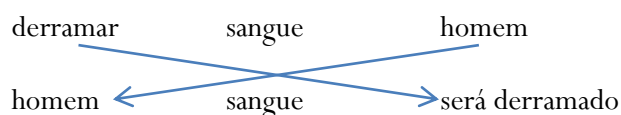
As palavras também podem aludir a outras histórias. Quando isso acontece, precisamos considerar a conexão entre as duas histórias. Por exemplo, José traz seu pai “notícias ruins” de seus irmãos em Gênesis 37. Os eventos que se seguem levam a família toda a se estabelecer no Egito, onde Faraó escraviza seus descendentes. Quatrocentos anos depois, tendo escapado com a ajuda de Deus, os israelitas caíram sob o feitiço de outra “má notícia”, dessa vez sobre a Terra Prometida (Num 13). Mesmo depois de sofrer tanto no Egito, os descendentes de José imediatamente anseiam retornar ao Egito. Tal desejo tem resultados desastrosos para toda a geração.

Uma grande repetição ocorre em histórias bíblicas, mas não devemos considerar o escritor que usa a repetição como descuidado. O escritor desencadeou nossa atenção através da repetição. Podemos detectar diferenças pequenas, mas muito significativas, quando uma conversa ou cena é repetida. (Robert Alter chama esse tipo de repetição de uma “cena de tipo”). Um homem encontra uma mulher em um poço, o que leva a uma proposta de casamento. Tal encontro no poço ocorre nos relatos de Rebeca e Isaque (Gênesis 24), Jacó e Raquel (Gênesis 29), e Moisés e Zípora (Êxodo 2). No entanto, em cada cena, apesar do padrão familiar, existem mudanças sutis que transmitem uma grande quantidade sobre os personagens envolvidos. Isaac não conhece a própria Rebeca, mas um servo a encontra e entra em negociações em seu nome, sugerindo a passividade que faz parte do personagem de Isaque. Ao contrário de seu pai, Jacó exibe força sobre-humana para afastar a pedra do poço para que sua amada Raquel possa regar seu rebanho. A pedra proporciona um obstáculo que ele supera, mas também sugere os obstáculos que o guardam antes de poder se casar com Raquel. Antes que Moisés possa abater o rebanho de Zípora, ele deve lutar contra os bandidos, antecipando seu futuro papel como libertador. Através de pequenas variações, cada cena ilustra algum aspecto do personagem ou do futuro do personagem.

A repetição também ocorre dentro da mesma história. Por exemplo, em 1 Samuel 3, depois que Deus primeiro chama a Samuel no meio da noite, o jovem profeta não reconhece a voz de Deus. Em vez disso, ele equivocadamente vai ao seu mentor, Eli, o sacerdote, três vezes seguidas! Cada vez que Samuel anuncia: “Aqui estou, porque você me chamou”. A repetição unifica toda a cena e comunica a obediência absoluta de Samuel ao seu mestre Eli, bem como a sua perplexidade sobre quem o chama e por que razão. Mas também há pequenas diferenças em cada encontro. Na segunda vez, em vez de correr, Samuel caminha até seu mentor, menos ansioso para atender a chamada. Quando Eli o manda de volta à cama, ele acrescenta: “Meu filho”, agindo como um pai que quer acalmar Samuel, enquanto revela seu próprio gosto pelo jovem. Na terceira interação, Eli finalmente percebe que é Deus quem vem chamando Samuel e, ao invés de simplesmente enviar Samuel de volta a sua cama, instrui-o a responder o chamado de Deus. A mudança no padrão destaca o papel altruísta de Eli como mentor e o momento do novo papel de Samuel como profeta. (Veja Uriel Simon, *Reading Prophetic Narratives*, nessa cena em particular).

A repetição às vezes ocorre em uma frase ou mesmo dentro de um versículo em uma estrutura especial chamada “quiasmo”¹. Deus anuncia a proibição do assassinato a Noé no final da história do dilúvio nas seguintes palavras: “Quem quer que derrame o sangue do homem, pelo homem deverá seu sangue ser derramado” (Gênesis 9: 6). A estrutura é A, B, C e depois invertida, C, B, A. Cada letra representa uma palavra: A = derramar, B = sangue e C = homem.

¹ O quiasmo é uma espécie de antítese, também conhecido como antimetábole. Consiste no cruzamento de grupos sintáticos paralelos (dois ou quatro vocábulos), de forma que o grupo de vocábulos do primeiro se repete no segundo em ordem inversa (AB x BA). [N.T.]



O escritor usa essa estrutura especial para comunicar um importante princípio ou mensagem ao leitor.

Um tipo diferente de repetição envolve imagens repetidas. Por exemplo, “fogo” assombra a história de Sansão. O mensageiro divino que anuncia o nascimento de Sansão sobe em uma chama do altar. O nome “Sansão” inclui a palavra hebraica para o sol, um grande fogo no céu. Ele nasceu perto de um lugar que inclui “fogo” em seu nome, Eshtaol. Ele tem um temperamento ardente, expresso na queima destrutiva dos campos filisteus (Juízes 15:5), e ele escapa dos filisteus quando as cordas que o prendem se derretem como fogo (15:14). No final de sua vida, ele está enterrado em Eshtaol. Os muitos usos do “fogo” reforçam o lado destrutivo e imprevisível de Sansão.

Outra maneira pela qual o escritor bíblico transmite significado para o leitor é através do uso do diálogo. Muitas vezes, quando os personagens falam uns com os outros, ou uns sobre os outros para um terceiro, eles repetem as palavras uns dos outros. No entanto, um segundo personagem pode fazer uma pequena alteração nas palavras do primeiro orador que muitas vezes surpreende o leitor cuidadoso. Essas mudanças podem distorcer o significado original ou podem adicionar um toque que transmite algo novo. Às vezes, a repetição alterada nos permite saber que o segundo personagem está “ligado” ao primeiro. Em outro uso do diálogo, dois caracteres podem ser definidos por um contraste em tom, estilo ou substância. O Saul, em pânico, não consegue pensar o que levar ao vidente na cidade à frente como uma oferta e questiona ansiosamente seu criado. O servo informou calmamente que a situação está bem na mão. Tal contraste no temperamento destaca a montanha-russa emocional que é a personalidade de Saul, uma instabilidade que o torna menos do que adequado para ser o rei de uma nova nação lutadora.

Os discursos de nomeação também podem caracterizar uma figura bíblica. Quando uma mulher dá à luz na Bíblia, ela costuma nomear a criança e fornece um significado especial que geralmente envolve um jogo de palavras no nome. Não só somos apresentados a um novo personagem, mas também obtemos informações sobre a experiência da mãe em questão.

Muitas vezes, a Bíblia nos dará um detalhe aparentemente estranho que acaba antecipando o que virá. Por exemplo, aprendemos no primeiro capítulo de I Samuel, no versículo 3, que Eli tem dois filhos, Hofni e Pinehas. Eles não reaparecem na história até 2:11. Nesse ponto, eles se tornam muito importantes para a história, pois seus comportamentos corruptos levam a suas mortes e à morte de seu pai, Eli. Repetidamente nos livros de Samuel, os filhos decepcionam gravemente seus pais ou os conduzem à catástrofe. Além dos filhos de Eli, precisamos apenas pensar na lealdade de Jônatas para Davi, em vez de seu pai, Saul, ou de Amnon, filho de Davi, que viola sua meia-irmã Tamar, a filha de Davi. Em consequência, um segundo filho de Davi, Absalão, se rebelou contra o pai em uma guerra civil. Mesmo o profeta Samuel, cujo nascimento ocorre no capítulo que nos apresenta aos filhos corruptos de Eli, deve finalmente enfrentar o fato de que seus próprios dois filhos são igualmente corruptos.

Técnicas que transportam um significado especial

- Repetição de palavras-chave
- Palavras que conectam uma cena ou história a outra
- Repetição de eventos e encontros
- Repetição de imagens
- Uso cuidadoso do diálogo
- O significado de um nome
- Um detalhe que prefigura, ou antecipa, algo por vir

Colocando histórias bíblicas juntas

Na Bíblia, não só uma história tem um escritor, mas também um editor. O editor coloca diferentes histórias juntas e faz isso de forma cuidadosa e criativa (Joel Rosenberg sugere que consideremos o editor um artista em seu direito em *Back to the Sources*). Na superfície, duas histórias podem parecer contraditórias entre si, mas se o leitor prestar atenção, descobre-se que essas histórias têm diferentes pontos de vista que se complementam. Por exemplo, no capítulo 1 de Gênesis, Deus aparece dos céus para criar as criaturas do mundo, incluindo o humano. Nos capítulos 2 e 3 (considerado como escrito por um autor diferente), Deus parece ter uma relação muito mais próxima com o ser humano, inclusive compartilhando o Jardim do Éden com a primeira mulher e homem. Assim, podemos apreciar Deus tanto como um ser transcendente e como uma figura que é bastante próxima do humano. Mais tarde na Bíblia, Davi nos é apresentado em I Samuel 16 como um simples pastor, escolhido por Deus, e na próxima história Davi ganha elogios populares, graças à sua ousadia e habilidade com um estilingue. Essas histórias também se complementam. Davi é escolhido por Deus, que o ama, mas, ao mesmo tempo, ganha uma reputação devido a seus dons excepcionais. (Veja Robert Alter, *The David Story*, para uma tradução e comentário sobre os capítulos relevantes).

Às vezes, diferentes histórias estão em desacordo. Em Gênesis 1, tudo o que Deus cria é bom. Mas, em Gênesis 2, Deus cria uma árvore de conhecimento do bem e do mal. Deus é a fonte apenas do bem ou do bem e do mal? (Veja Israel Knohl, *The Divine Symphony*, para uma discussão mais completa das diferenças entre essas histórias). No livro de Números, a memória é vista como positiva e problemática. O capítulo 10 informa que os sacerdotes projetaram especialmente trombetas de prata martelada para serem usadas primeiro no deserto e mais tarde no Templo. Se tocadas na Terra, as trombetas lembrarão as pessoas daquela viagem há muito tempo através do deserto quando Deus acompanhou as pessoas até chegarem com sucesso na Terra Prometida. Essa memória unifica o povo e reforça sua lealdade a Deus e aos sacerdotes. No entanto, no capítulo 11, a memória revela-se muito destrutiva. As pessoas são dominadas por lembranças de iguarias egípcias e querem abandonar Deus e seus líderes e retornar imediatamente ao Egito. Em consequência, uma geração inteira não entrará na Terra.

Em cada exemplo, o editor coloca duas histórias ao lado da outra para desafiar-nos a pensar em assuntos tão importantes como a natureza de Deus, as origens do mal, a personalidade complexa do rei Davi e a falta de confiabilidade da memória. Essas histórias representam diferentes pontos de vista, escritas por diferentes autores em diferentes épocas e depois juntas por mais uma figura, o editor. A Bíblia não faz nada menos do que preservar a sabedoria coletiva e as experiências religiosas não apenas de um escritor, mas de gerações de escritores.

Moisés e a história de Israel

Concluo este capítulo olhando uma história com algum detalhe – o começo da vida de Moisés, encontrada em Êxodo 1:3. É um exemplo que ilustra muitos dos pontos feitos anteriormente. Embora sobre um indivíduo, Moisés, a narrativa antecipa e apresenta a história sobre a comunidade Israel. Nós também podemos vislumbrar a imaginação religiosa do escritor na representação do Arbusto Ardente. (Veja Moshe Greenberg, *Understanding Exodus*, para mais discussões sobre isso).

Toda boa história tem um contexto que fornece ao leitor os antecedentes necessários. Nosso contexto começa com o início do Êxodo, capítulo 1, mesmo antes de nascer de Moisés. Somos informados: “Mas os israelitas eram férteis e prolíficos; eles se multiplicaram e aumentaram muito, de modo que a terra foi preenchida com eles” (Êxodo 1: 7). De imediato, temos várias alusões ao capítulo 1 de Gênesis. A palavra “prolífico” (muitas vezes traduzida como “abundante”) aparece três vezes em dois versos (Gênesis 1: 20-21). Em 1:22, Deus cria as criaturas do planeta e as abençoa: “Sejam férteis e fecundos”. Em 1:28, Deus abençoa os humanos da mesma maneira: “Frutificai e multiplicai-vos”, mas acrescenta: “Enchei a terra”. Os três primeiros termos se juntam em 9:7 (como fazem em Êxodo). No final da história do dilúvio, Deus anuncia a Noé: “E você, fique fértil, aumente e seja fecundo [seja prolífico] em toda a terra...”. Por que o Êxodo abre com alusões tão claras à criação do mundo e às consequências do dilúvio? Ambas as histórias anteriores do Gênesis são sobre os

primórdios, o primeiro começo e depois, após o Dilúvio, um novo começo. Naquele tempo, Deus oferece à humanidade uma segunda chance após a quase destruição do mundo. Ao usar a alusão, nosso escritor no Êxodo proclama outro começo: a criação do povo de Israel. O nascimento de Moisés e o nascimento de Israel como povo estão conectados uns aos outros.

De fato, há repetidas referências ao nascimento nos primeiros capítulos do Êxodo. O faraó egípcio procura matar machos recém-nascidos, mas parteiras heroicas frustram seu plano. Então, Moisés nasceu, e parte do enredo envolve encontrar uma enfermeira para amamentá-lo. Eventualmente, a imagem de um canal de parto é recriada simbolicamente no caminho estreito que os filhos de Israel devem atravessar as águas do Mar Vermelho². Os capítulos de abertura do Êxodo também enfatizam o papel crucial das mulheres em cuidar do Moisés infantil. Além das parteiras, lemos sobre a mãe e a irmã de Moisés e até a filha do Faraó, que o salva do rio Nilo. Moisés é repetidamente salvo pelas ações das mulheres.

Passemos à breve história dos primeiros anos de Moisés. Dizemos detalhes muito específicos sobre Moisés. Depois que ele nasceu, sua mãe vê que ele é “bom” (Êxodo 2:1) – um eco claro da criação de Deus do céu e da terra em Gênesis 1. Quando Moisés é muito velho para ser escondido do faraó, sua mãe o coloca em uma cesta pequena (*teivah*). Esse é o mesmo termo usado para a arca de Noé, a única vez que o termo é usado. A alusão sugere que, assim como a sobrevivência do mundo dependia de Noé, agora a sobrevivência dos israelitas depende dessa criança vulnerável, Moisés. Depois que o bebê é salvo pela filha do Faraó, ela lhe dá um nome em um discurso que explica por que ela escolheu “Moisés”: “Eu o tirei para fora da água”, no qual o verbo hebreu para “Eu o tirei” é um jogo em palavras (um homônimo) sobre o nome “Moisés” em hebraico (Êxodo 2:10). Ao fazê-lo, ela inverteu a intenção de seu pai de que todos os machos israelitas sejam afogados no rio. Sem saber, a filha do faraó também antecipa o futuro de Deus salvando o povo por meio da água quando eles saem do Egito.

O tempo passa. O narrador se aproxima de um evento particular na vida adulta de Moisés em Êxodo 2:11-15. Como leitores, precisamos considerar o motivo pelo qual o narrador se concentra nesse evento e nenhum outro. O que o evento nos ensina sobre Moisés? Moisés deixa o cenário do faraó e descobre o sofrimento de seus “irmãos”, os israelitas. Não é claro que Moisés sabe que ele é um israelita, mas ele reconhece a opressão quando o vê e impede um egípcio de vencer um hebreu. Ele então tem que correr pela vida dele. A história sugere que Moisés tem que deixar os confins da corte real egípcia antes que ele possa enfrentar injustiça e crueldade no mundo. Também sugere que Moisés ainda se identifica com o povo de Israel, apesar de ter sido criado no palácio. Em pouco tempo ele deixa suas lealdades egípcias atrás dele.

Após esse episódio, Moisés chega em Midian. Uma vez casado com Zípora (a midianita que ele encontra em um poço), ele tem um filho. Moisés nomeia esse filho Gerson, literalmente “um estranho lá”. Ele proclama: “Eu fui um estranho em uma terra estrangeira” (Êxodo 2:22). Dessa forma, aprendemos que Moisés chegou a se ver como um estranho no Egito. Então conclui os primeiros anos de Moisés.

O narrador interrompe temporariamente o próximo capítulo da vida de Moisés para anunciar a principal preocupação do Êxodo, a história do nascimento do povo de Israel. Deus ouve os gritos dos israelitas escravizados e lembra da aliança com os Patriarcas e Matriarcas. Nesse momento, a história do indivíduo, Moisés, se envolve completamente na história do povo de Israel. É somente depois que Deus decide agir em favor de Israel que Moisés encontra Deus (Êxodo 3:1-6). O cenário da região selvagem é muito importante, pois Moisés encontra-se em um lugar muito distante de sua família, deixado sozinho em frente a Deus. A própria região selvagem, em sua majestade absoluta, reforça a vulnerabilidade desse único ser humano.

À medida que ele cuida de seu rebanho no vasto deserto, Moisés presencia uma visão milagrosa. Ele vê um arbusto queimando que não é consumido pelo fogo, e Moisés se afasta. “Ver” é uma palavra-chave da história de

² De acordo com o Prof. Felipe Aquino, em *A passagem do Mar Vermelho e do Rio Jordão* (disponível em <http://cleofas.com.br/a-passagem-do-mar-vermelho-e-do-rio-jordao>; acesso em 26 de dezembro de 2017): “A seguinte observação parece do seu modo insinuar que a travessia se fez pela parte setentrional do mar, parte que atualmente já não existe: o texto bíblico fala de passagem do ‘Mar dos Juncos’, não do ‘Mar Vermelho’, em trechos como Js 2, 10; S1 105, 7.9.22; 135, 13. Ora às margens do Mar Vermelho nas se encontra o arbusto do junco; disto se poderá deduzir que se desenvolvia outrora junto às águas que prolongavam o hodierno Mar Vermelho e deviam constituir propriamente o Mar dos Juncos”. No entanto, seguiremos a tradução usando “Mar Vermelho” para seguir a tradição bíblica. [N.T.]

Moisés. Sua mãe vê que ele é “bom” quando ela o dá à luz. A filha do faraó o vê e o resgata. Moisés vê a opressão de seus irmãos. Agora, Moisés vê uma visão de Deus. Somente depois que Moisés se vira, Deus fala com ele.

Como leitores de histórias bíblicas, devemos sempre prestar muita atenção aos detalhes. Por exemplo, por que Deus aparece em um incêndio que não consome o arbusto? Tal fogo, especialmente em um deserto, revoca o curso natural das coisas. O fogo é uma substância que é positiva e negativa. Pode nos prejudicar, mas também pode nos acalmar e nos fornecer luz. Deus pode ser destrutivo e fora de controle, e nesses momentos o fogo de Deus pode nos queimar (Levítico 10, Números 11). Outra vez, Deus nos oferece sabedoria que pode iluminar-nos e iluminar nossas vidas. O “fogo” identifica algo profundo em nossas experiências de Deus.

O nome do arbusto, *seneh*, em hebraico, é outro detalhe importante. No início, *seneh* cria um vínculo através do som para o Monte Sinai, mas Deus instrui Moisés a levar as pessoas ao Sinai “para essa montanha”, e percebemos que os dois lugares são idênticos (Êxodo 3:12). Deus planeja aparecer para todo o povo no Monte Sinai depois de libertá-los do Egito. É nesse momento em nossa história que Deus manda Moisés para longe de *seneh* de volta ao Egito na missão de fazer exatamente isso. Em outras palavras, Moisés levará as pessoas para fora do Egito para esse mesmo lugar.

A história do povo de Israel, percebemos, é exatamente paralela à história de Moisés. Elas seguem literalmente seus passos. Moisés é resgatado da morte, apesar de um decreto real, assim como o povo de Israel, que escapa a uma morte certa quando os egípcios os perseguem no Mar Vermelho. Assim como Moisés é resgatado da água, também o povo inteiro quando Deus milagrosamente divide o mar. Assim como Moisés foge para o deserto e encontra Deus, também o povo foge para o deserto. Eles chegam ao ponto em que Deus aparece pela primeira vez para Moisés, o arbusto (*seneh*) que é o monte Sinai.

As pessoas também compartilham a longa jornada de Moisés para a fé. Moisés leva bastante tempo para perceber que ele é um israelita. Ele tem que descobrir quem ele é e o que ele deve fazer. Mesmo depois de encontrar Deus no Arbusto Ardente, Moisés reluta em aceitar as instruções de Deus. As pessoas hesitam da mesma maneira. Mesmo depois que Deus revela a sua presença no Monte Sinai, as pessoas demoram bastante tempo para entender a grandeza de Deus e implementar os planos de Deus para eles. Eles reclamam e se rebelam. Então, é que a história do Moisés individual e a história do povo de Israel estão entrelaçadas. Os capítulos de abertura do Êxodo nos apresentam a história do nascimento do povo de Israel, ajudando-nos a ver sua história refletida na história de Moisés nos termos mais humanos e pessoais.

Como as histórias da Bíblia são atemporais, elas nos fornecem uma fonte de força contínua. Elas nos ajudam a entender nossas vidas, conectando-nos uns aos outros e aos que viveram há muito tempo. À medida que os personagens bíblicos compreendem as verdades que dão significado a suas vidas, assim também nós o fazemos.